

# Echos de Guimarães

Director, João Rocha dos Santos  
 Editor e administrador, Thomaz Rocha dos Santos  
 Redacção e administração,  
 38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Tourel)

SEMANARIO MONARCHICO

Propriedade da Empresa  
 DOS  
 Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão  
 Typographia Minerva Vimaranesense  
 68, Rua do Payo Galvão, 72  
 GUIMARÃES

## PARA ONDE VAMOS?

A gente habitua-se a tudo: o supportar-se durante muito tempo a mesma impressão, quer agradável quer desagradável, embota o sentimento e faz que aquillo que, noutras circunstancias, nos penetraria vivamente e absorveria todas as nossas atenções, se observe sem reflexões e até com indiferença.

E' o que se dá em nossos dias com o estado politico e economico do paiz.

Raras vezes uma nação, a não ser nas vesperras da agonia, terá visto os monopolistas do governo tão esquecidos dos seus mais vitaes interesses, ainda perante os perigos mais funestos e mais ameaçadores, como hoje os vemos em Portugal. E comtudo, embora sintamos atemorizados esta triste situação, poucos o mostram condignamente.

Diz-se em familia o que era preciso dizer-se de frente, fossem quaes fossem as consequencias que, de resto, nunca seriam de recear, visto que elles só são valentes por nos conhecerem medrosos.

Esses homens que lá, nas altas camadas do mando, se intitulam os representantes do povo, encaram esta triste situação com a insensibilidade dos cadaveres, porque uma unica coisa os preoccupa: os seus estomagos que já se habituaram a caros acepipes e a vinhos generosos.

Elles trabalham, é certo, cogitam, escrevem e fallam, mas só os norteia a satisfação das suas desmedidas ambições e dos seus inqualificaveis caprichos que antepoem ao bem estar da nação.

Intrigam, vexam e mentem: tudo lhes serve e de tudo lançam mão para amordaçar, em nome de uma liberdade que elles fementidamente apregoam, um paiz inteiro que os detesta.

Senhores absolutos, só consentem que os adversarios discutam o que lhes apraz, e ai d'aquelles que tragam a publico os seus grosseiros *trucs*!



E' hoje dia de gala e ao mesmo tempo de luto para os monarchicos portuguezes.

De gala por passar o anniversario natalicio de Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Manuel II, e de luto porque todos nós contribuimos mais ou menos para que este dia não fosse solemnizado com a devida pompa por consentirmos que, embora provisoriamente, fosse afastado do throno portuguez o jovem Monarcha que foi chamado a presidir aos destinos da nação depois dos infamissimos attentados que victimaram seus Augustos Pae e Irmão.

O «Echos de Guimarães» julga interpretar o sentir de todos os monarchicos apresentando a Sua Magestade El-Rei os protestos da sua vassalagem e incondicional dedicação.

E o povo, a grande massa da nação, que elles tentaram ludibriar nos tablados dos comicios e nas columnas dos jornaes conhece-os de sobejo, mas tolera-os por... indolencia.

## CHRONICAS VIMARANENSES

Nos Arcos de Val de Vez, onde vivia ha muitos annos, estimado e querido por todos, falleceu o nosso conterraneo José Gonçalves d'Oliveira, escrivão-notario naquella formosa villa.

Archivo nestas *chronicas* o triste acontecimento, não tanto pela muita e sincera amisade que consagrei a José d'Oliveira, o que

rido amigo que me recebia em sua casa com aquella fidalguia que o caracterisava, como pelo conhecimento que tinha do grande amor que elle consagrava a esta terra onde nasceu e cujos progressos elle proclamava com o orgulho de verdadeiro patriota. Era bem um Vimaranesense.

O leitor sabe o que é um vimaranense?

E' o homem que, nascido aqui, e afastado pelas contingencias da sorte para outras terras de Portugal ou do estrangeiro, nunca esquece a sua cara Guimarães, e quando lhe dizem que Guimarães é uma cidade que tem — *se sem bispo, palacio sem rei e ponte sem rio*, ufana-se com os progressos da nossa industria, com o esplendor das nossas festas, com as bellezas naturaes deste formoso rincão do Minho...

José Gonçalves d'Oliveira era assim!

E, além de tudo isto, era um homem dotado duma grande alma, dum generosissimo coração.

O seu nome fica vinculado aos mais bellos empreendimentos da linda villa que o Vez banha.

A branca capellinha, consagrada á Virgem, que se ergue no alto do formoso e pittoresco outeiro do Castello, se é um monumento a attestar a piedade dos Arcoenses, é tambem um padrão de gloria que lembrará sempre o nome de José d'Oliveira.

Pobre amigo!

Se eu poderia suppôr, ao vê-lo alegre e satisfeito assentado á minha pobre meza, com alguns amigos seus dos Arcos de Val de Vez, no domingo das festas gualterianas, que tão depressa lhe havia de prestar esta modesta homenagem da minha estima, da

minha gratidão e da minha saudade!...

Como vai triste o outomno! Rolam pelo chão as folhas mortas, no horizonte social desenhavam-se temerosas nuvens...

E a morte vai proseguindo na sua obra de destruição...

Porque não pensam nisto os arautos desse monstro que se chama—*Guerra*, e os que se comparam em espalhar esse veneno que se chama—*Odio*?

Como vai triste o outomno!...

Romeiro

## O BATALHÃO DE VOLUNTARIOS

Apenas a guerra rebentou entre a Alemanha e a França, logo os Borges e Rodrigues horoscoparam com aquella perspicacia aquilina que lhes é propria, que essa guerra era uma lucta gigantesca entre reacção e o progresso, entre o despotismo e a liberdade.

Na Alemanha está symbolizado o barbarismo e na França a civilização. E como a França, logo desde o principio indiciasse condições de inferioridade na lucta, os nossos republicanos de mais puro sangue e de mais apregoada valentia, que morrem de amores pela sua irmã mais velha ou antes pela sua incontestada mãe, que é a republica dos Combes e dos Briand, alvitram a luminosa ideia de lhe prestar algum auxilio com um batalhão de voluntarios republicanos, constituido por aquelles que mais apaixonados se teem mostrado pela causa da civilização.

Divulgada essa ideia, para logo começaram de afluir em grande numero os offercimentos para o alistamento. Boquejava-se entre amigos com grande vergonha, que Portugal é uma nação de pusillanimes, de cobardes, de maricas, incapazes d'uma acção viril, d'um arranco heroico. Pois era um engano, que ainda bem agora se desfez.

O batalhão estava-se constituindo com tudo o que em Portugal ha de mais esforçado, de mais corajoso, de mais abnegado.

Regedores de aldeia e administradores de concelho, que mais se tinham assignalado na captura de padres e na perseguição de catholicos; democratas destemidos que tinham insultado presos e lhes tinham escartado na cara; defensores da republica, que de dia em plena rua da capital matavam suppostos talassas; demolidores de cruzeiros, arrombadores e ladrões de igrejas, que tão impunemente teem exercido o seu laicismo; todos os admiradores do Afonso Costa que tão diligentes se teem mostrado em dar-lhe vivas e palmas, quando elle sae ou entra na cidade; os *heroes* de Chaves que tão dedicados se manifestaram em acabar com feridos e agonizantes; todos os socios da Associação do Registo Civil, os mais aguerridos propugnadores das ideias democratas; os mestres das escolas libetaes, tão amigos da tolerancia; os jornalistas que mais se teem evidenciado na defesa do liberal regimen existente; os deputados que mais esbravejaram contra a hydra da reacção,—tudo ia engrossando o batalhão, que prometia impor-se pelo numero



e a qualidade dos seus elementos componentes.

O *Kaiser*, que anda muito bem informado de tudo que respeita a guerra, soube do que os nossos grandes liberaes estavam preparando e ficou tremendo de medo como uma pessoa entanguida do frio. Retorceu nervosamente as guias do bigode a ponto de lhe arrancar alguns pêlos e entrou a monologar.

«Ora esta! Quem havia de contar com ella! Até agora ainda tinha algumas esperanças na victoria; mas já não é possível mantê-las por mais tempo. Aquelle reforço que os portuguezes vão dar aos meus inimigos, é decisivo».

Deve-se um pouco apreensivo e cogitabundo; e senão quando bate forte com as pontas dos dedos da mão direita na testa e exclama sorridente:

«Sim, vou lhe escrever; é um expediente que mui crívelmente dará bom resultado».

Occorreu ao *Kaiser* a circunstancia de ser amigo do Affonso Costa e resolveu de lhe escrever uma carta neste teor:

Am.º Costa

Estou informado de que os teus mais dedicados amigos e entusiasticos admiradores estão formando um batalhão numeroso e aguerrido para ir dar auxilio aos meus inimigos. Muito me penalizou uma tal noticia; e nunca esperei que os republicanos portuguezes, que eu sempre admirei na tua energica e activissima pessoa, se offerecessem a combater contra o meu povo. No entanto ainda é tempo de reconsiderar; o batalhão ainda não partiu. Tu, se quizeres, podes fazer que elle desista do intento e se dissolva. Exoroto pela mutua amizade que nos liga. E olha: se me tu attenderes, nada perderás. Se os meus inimigos não obtiverem reforços, a victoria será do meu povo; e então conta comigo: *tu serás imperador da Lusitania*. Podes estar certo; dou-te a minha palavra de honra. Por isso espero que deferirás aos meus rogos; pelo que desde já te confesso um eterno reconhecimento.

Teu am.º

Kaiser.

Affonso Costa, ao receber esta imperial missiva, ficou aturrido como se uma clava de ferro lhe batesse na cabeça. «Ser ainda imperador da Lusitania, collega do *Kaiser*, um soberano da Europa! Que ventura a minha! Nada; o batalhão já não vai, custe o que custar. Que me importa a mim a liberdade, a civilização ou lá o que é de que os francezes são os defensores? Primeiro que tudo está a realizar o meu ideal... O peor é que o Borges não vai gostar da contra ordem. Pouco importa. Aquillo é um rafeiro que ha de fazer o que lhe mandarem. Vou já responder ao *Kaiser*».

Am.º Kaiser

Recebi a tua carta que me causou uma funda estranheza. Nem eu nem os meus mais dedicados amigos pensaram jamais em combater ao lado dos francezes contra os alemães. Isso é uma das muitas mentiras que a pretexto da guerra se espalham por toda a parte. A minha amizade para contigo é firme e sincera. O batalhão dos voluntarios republicanos portuguezes é uma balela sem o menor fundamento. Eu conheço bem a minha gente. Não estas com receios; não te farão mal algum. Faça votos pela tua victoria. E logo que ella se dê, falaremos mais de espaço sobre o teu projecto que muito me sorri.

Sempre teu am.º

Affonso Costa.

E assim se gorou o batalhão de voluntarios, que os republicanos queriam apresentar em França e que seria fatal aos alemães.

Foi pena; a ida d'esses voluntarios era um grande beneficio para a nação; mas o sr. Affonso Costa não quer que elles vão mostrar lá fóra as suas gentilezas.

P. A.

## NOTAS

### Cinematographos

Simplemente esplendidas as sessões cinematographicas que na semana finda se realisaram no theatro D. Affonso Henriques, Salão da Associação dos Artistas e no barracão que existe alli para os lados da praça de S. Thiago comf rente para o largo da Oliveira.

Todos os empresarios, á com-pita, procuraram tornar os espectaculos attrahentes e de lastimar é que a empresa do barracão se dissolva porque... fica muita gente sem modo de vida conhecido.

✽

### Echos da guerra

O clero francez, tanto secular como congreganista, tem dado, nesta hora tragica para a França, significativas lições de patriotismo e abnegação, não obstante o *sectarismo* com que tem sido tratado pelos poderes publicos.

A attitude, aliás sympathica, dos padres francezes trouxe como consequencia o renascimento religioso d'aquelle paiz que cada vez mais se manifesta num extraordinario movimento de fé, como confessa o grande jornal de Londres o *Times*:

«Um dos resultados da guerra tem sido um esplendido renascimento religioso em França.

O tão fallado perigo clerical desapareceu da imaginação popular em face do real perigo da invasão allemã. Por toda a parte os padres tem sido distinguidos pelo seu heroismo, e a sua dedicação á causa patriótica é partilhada por muitos membros das ordens religiosas, tanto homens como mulheres.»

✽

### Chegu-lhe a vez...

Da telegraphia dos jornaes do Porto:

«Lisboa 10 — Foi notificado ao «Seculo» que será suspenso, se continuar a atacar o governo, como fazia na edição d'esta noite.»

O «Seculo» d'hoje deve ser o mesmo que em 1907 se rojou, como um rafeiro humilde, aos pés do sr. conselheiro João Franco.

O grande balcão é tudo e faz tudo o que fôr preciso para ir vendendo a sua mercadoria.

✽

### Outro escandalo?

Lê-se num dos ultimos numeros do «Mundo», honesto orgão do não menos honesto chefe democratico, o que vamos archivar e que só nos surprehe por no escandalo não entrar um democratico:

«A imprensa já se tem referido a uma projectada reforma do ministerio das colonias que o sr. Lisboa de Lima tencionia publicar, ao que se diz, pelo art. 87 da Constituição da Republica. Repugnara-nos acreditar na veracidade do boato, porque havendo mais de que um projecto sobre

o assumpto, não seria razoavel que o ministro, parecendo sobre-pôr-se á auctoridade parlamentar, resolvesse legislar um tanto *pro domo sua*, desde que se saiba que o sr. Lisboa de Lima, sendo chefe d'uma repartição do mesmo ministerio, poderia encontrar-se, de certo contra vontade, mas por effeito das circumstancias, guindado ao cargo, por exemplo, de director geral de quaesquer serviços, opportunamente creado».

O *Mundo*, que representa na imprensa um dos partidos que apoia o actual governo, vem denunciar ao paiz mais este escandalo do regimen, na forja por enquanto, para lhe mostrar que não são só os democraticos quem faz coisas!

Perfeitamente d'accordo! Nós ja sabiamos que fóra mesmo dos democraticos tambem havia quem se percesse muito, mesmo muito, com elles.

✽

### Conselhos fraternaes

Muito commovida diz a *Lucta*, orgão do unionismo:

«Se houyer quem saiba fazer uma obra intelligente e honesta de defeza republicana, o perigo conjura-se; no caso de a ultima revolta servir apenas de pretexto para vinganças e perseguições odiosas, especulações politicas, baixas discussões ou intrigas entre republicanos para a conquista do poder, o perigo ha-de agravar-se, a menos que o povo se não resolva a proceder, impondo-se por tal forma que todos se curvem perante a sua vontade».

Como o poder seduz esta gente!

Para a obra intelligente e honesta preconizada pela *Lucta*, somos de parecer, se nos dão licença de dizer com franqueza o que sentimos, que sejam chamados ao poder os do governo provisório.

Esses sim! Saberão fazer obra tão honesta e intelligente como a que o paiz já teve occasião de vêr.

## Um Protesto Altivo

Ex.º Sr. Presidente da Republica:

Mais uma vez, e em documentos de indole differente, tem os Bispos Portuguezes dirigido aos Poderes publicos e sempre em linguagem respeitosa, firme e serena reclamações, queixas e protestos, em face dos ultrages e affrontas inauditas com que, já desde ha muito, se tem procurado offender e agredir neste paiz, outr'ora dignificado com o titulo honroso de—Fidelissimo—, a Religião catholica, o seu culto e os seus ministros.

Julgo-me dispensado de, para demonstração d'este asserto, adduzir provas e memorar factos, tanto do conhecimento de V. Ex.ª como o são de toda a Nação, e até de paizes estrangeiros. Nem eu poderia agora, Sr. Presidente, sem que o coração de catholico e de portuguez se me despedaçasse da mais intensa dôr, fazer minucioso inventario dos ataques e violencias que, dia a dia e em cada momento, se tem commettido e vem perpetrando, com desoladora impunidade contra as pessoas e coisas ecclesiasticas, neste nosso tão querido e amado Portugal, cujo nome todos devemos esforçar-nos por manter e zelar, ilibado de vexames que o desacreditem.

Neste momento, em que um imperioso dever se impõe irresistivelmente á minha consciencia, cujo dictame não me é licito abafar, proponho-me chamar a esclarecida attenção de V. Ex.ª para um facto que por certo V. Ex.ª não ignora, e que tão fundamente veio ferir e magoar o meu coração, como o dos meus collegas no Episcopado e o dos bons catholicos, que constituem no paiz uma enorme maioria.

Refiro-me á prisão, aggravada com a incommunicabilidade, de que foi e está sendo victima innocente o venerando e preclaro Arcebispo-Bispo da Guarda, Dom Manuel Vieira de Mattos.

E' triste, é repugnante, e por demais doloroso, sr. Presidente, termos de assistir a scenas d'esta ordem que, sobre evidenciam-se alarmantes symptomas da mais flagrante indisciplina social, vem avolumar os ferimentos aos antagonismos que, já tão aterradores, invadem a familia portugueza, com prejuizo manifesto da sua união e da anciosamente appetecida pacificação de espiritos.

O que fez, de que actos ou sequer indícios de culpabilidade é arguido o nobre Prelado da Guarda para se lhe inflingir um castigo, que as leis penaes só impõem aos reus de graves crimes?

Eu não creio e, por sem duvida, ninguém de recto e desapassionado pensar crê, que sobre o illustre Antistite pese o anathema, que acompanha os prevaricadores, os agitadores que, com a sua palavra ou gestos, ponham em perigo a paz e a ordem publica, e apregõem a desobediencia e o desrespeito ao principio da auctoridade.

O que eu sei, Senhor Presidente, o que todos sabem é que o respeitavel Prelado se não poupa a fadigas nem foga a incommodos e canceiras para com exemplar solicitude, desempenhar os deveres proprios da sua missão, ensinando, dirigindo e doutrinando os Fieis, seus diocesanos, de modo a darem escrupuloso cumprimento aos seus deveres religiosos, não se preocupando, no exercicio do seu cargo pastoral, como de restonão se preocupam os seus collegas no Episcopado, com assumptos de caracter politico.

E será isto um crime? Haverá nos codigos disposição alguma, que fira com estigma penal o Bispo que, no exercicio das suas elevadas funções, dedica toda a sua actividade, consagra todo o seu tempo e desenvolve todo o zelo no momentoso intuito de promover a salvação das almas, a moralidade na familia, o respeito de todos, dirigentes e dirigidos, pelos sacratissimos direitos da Religião e da Igreja catholica, e a submissão ás leis e auctoridades legitimamente constituídas?

Em vez de acto criminoso, não deverá este procedimento ser considerado e havido como digno de applauso, e merecedor de justificados encomios por parte de quem se interesse, a valer, pelo maior bem do povo portuguez, pelo seu progresso e verdadeira civilização?

Motivo é para lastima pungente e fundada reprovação o delirante empenho com que não poucos se arrogam o ingrato e nocivo mister de suffocar o sentimento religioso, deprimir e abalar a crença e a fé catholica, essa fé que, outr'ora, nos fez grandes e que foi getmen fecundissimo de heroismos e afamados empreendimentos, que tanto nobilitaram a Patria portugueza; essa mesma fé que ainda hoje se desentranha em optimos e saltares fructos, em toda a parte, atravez das conjuncturas as mais aterrorisadoras, como o estão demonstrando factos bem eloquentes, occorridos na actual conflagração europeia.

Digne-se V. Ex.ª, Sr. Presidente, considerar o que venho de expor como expressão da magua, desgosto e reprovação que eu com os meus illustres collegas no Episcopado e todos os bons catholicos, a um tempo amantes da Religião e da Patria, experimentamos

e sentimos pela desusada, injusta e deshumana attitude havida para com o infatigavel e virtuoso Prelado da Guarda, com o qual, para todos os effeitos, nos declaramos solidarios, esperando todos nós que V. Ex.ª, prestando ouvidos attentos ás vozes da Justiça, tão cruamente recalçada para com a individualidade respeitavel e respeitada do benemerito Antistite, providencie com brevidade de modo a ser restituído á liberdade, de que está privado, violencia esta contra a qual lavramos o nosso mais energico protesto. Saude e Fraternidade.

Lisboa, 7 de Novembro de 1914.

Ex.º Sr. Presidente da Republica Portugueza.

(ass.) Antonio, Cardeal Patriarcha.

## Carta a um socialista

I V

Amigo:

Vou terminar estas cartas que, se não mereceram duas palavras da critica sincera e imparcial que eu não temo porque essa havia de fazer justiça ás minhas observações e aos insignificantes conhecimentos que enchem toda a minha bagagem, tiveram todavia a censura avinhada de certos *sucios* que quizeram ver nellas um estorvo á realização dos seus *doirados* sonhos.

Felizmente os factos encarregam-se de dar razão ás minhas opiniões e sem ir buscar casos velhos, poderei citar o desfalque encontrado na Associação das Quatro Artes da Construção Civil, de cujo cofre desapareceram uns 98 mil reis, creio eu.

Não comento o caso; só te pergunto como é que com taes *sucios* se pode fazer obra socialista?

Mas pode fazer-se *sucialismo*, um partido de saque em que cada *sucio* trata de fazer pela vida.

Não imagines, nem ninguém imagine que eu odeio o socialismo. Ao contrario, eu gosto d'elle, mas não do que por ahi se apregoa e propaga. Eu gosto do verdadeiro socialismo d'aquelle que foi prégado pelo sublime philosopho que se chamou Jesus Christo, que prégando a exaltação dos humildes e o abatimento da soberba aos poderosos, mandava comtudo observar com todo o rigor as conveniencias sociais, ordenando que se desse «a Cezar o que era de Cezar e a Deus o que era de Deus».

O contrario d'isto é um absurdo inqualificavel, como absurdo é o desejado nivellamento social em que loucamente se falla entre os sectarios do socialismo, sem que aquelles que algumas responsabilidades tem no desenvolvimento d'esse partido, tratem de pôr cõbro a semelhantes ideias obstruidoras do avanço do verdadeiro ideal socialista.

A sociedade, meu amigo, é um organismo com todos os seus membros de accão distribuidos pelas diferentes camadas, e estes tem a seu cargo o desempenho de funções que, uma vez paralyzadas, acatretariam por si só a paralyzação de todo o organismo social ou, pelo menos, um grande e irreparavel transtorno no regular funcionamento d'esse organismo, e com elle uma perigosa transformação na vitalidade dos povos.

O capital ha de ser sempre o capital e o operariado tem de ser sempre o operariado.

Querer fazer descer o capital a nivellar-se com o operariado é um contrasenso irrealisavel, mas o operariado pode subir a nivelar-se com o capital, senão na força financeira, porque isso é materialmente impossivel, pelo me-



nos na illustração, no saber, e na educação, e assim conquistar, com superior vantagem, a melhoria de situação que tão necessario é que rapidamente obtenha.

Mas o operariado tem de existir sempre, bem que pese aos socialistas sectarios, como tem de existir sempre a differença que ha entre elle e o capital, differença que já data desde o principio do mundo, e que o proprio Christo, com a enorme revolução que veio operar no espirito dos povos, nem sequer tentou modificar.

E' que o operariado, meu amigo, é um elemento essencial e absolutamente indispensavel ao regular funcionamento do organismo social. A funcção que lhe está distribuida é a do trabalho e da producção e o operariado tem de trabalhar e de produzir sempre.

O regimen da mutualidade já está estabelecido entre o capital e o trabalho, visto que um sem o outro não poderiam progredir, nem talvez existir.

E' o trabalho sobrecarregado com tarefas penosissimas e mal remunerado com exiguos salarios, e é esse um mal que urge remediar equiparando o salario ao valor da producção.

E' para a consecução d'esse desideratum que deve trabalhar-se com affino e sem desfallecimentos em todas as classes operarias, mas quanto a pretender o aniquilamento do capital e o desapparecimento do trabalho, isso é utopia em que nem sequer se deve pensar e é precisamente esse louco pensamento que tem atrazado a reivindicção das regalias a que o operario tem inquestionavel direito.

Não precisas de ir muito longe para encontrares uma prova de que, privada a sociedade dos seus orgãos essenciaes, entrariamos em um labyrintho no meio do qual jámais nos entenderiamos.

O organismo social é comparado ao teu relógio de algebeira. Abre-lhe as caixas e vê o que encontras. Um conjuncto de rodas todas combinadas entre si, com o seu movimento regulado e preciso.

O poder principal d'esse machinismo reside na mola que, accionando a peça a que se acha aggregada, imprime o movimento giratorio a todas as outras peças, sinhas que a ella estão ligadas.

Poderás comparar essa mola ao capital, mesmo por que lá diz o dictado—o dinheiro é a mola real de todas as coisas.

A funcção do operario encontrá-la-has comparada na roda a que chamam volante. De todo o machinismo é a que mais trabalha, mas é nella que reside a regularisação do movimento de todas as outras. Emquanto as outras se vão movendo quasi imperceptivelmente ella, que é o operario do relógio, lá vae marchando sempre no seu cadenciado tic-tac, supportando sobre os seus eixos a força que dimana de todas as outras peças.

Tira qualquer peça a um relógio e elle não poderá trabalhar. A funcção da mola será nulla sem o regulamento do volante e o concurso das peças intermediarias, mas o volante tambem não poderá trabalhar sem esse concurso e sem a força que da mola lhe vem.

E' assim o organismo social. Pretender alterar as regulares funcções dos membros d'este organismo é pretender o absurdo, o impossivel, o irrealisavel.

E tenho dito. O que ahí fica, bem como as minhas cartas anteriores, não foi escripto para intellectuaes, mas sim para aquelles que tiveram a loucura de sonhar um dia que ainda viriam a ser millionarios á custa dos haveres dos outros.

Pobres d'elles coitados. Há de ver mudarem-se os dias, os mezes e os annos, uns após outros, e o seu sonho continuar sempre

uma chimerica illusão e a sua vida caminhar de cada vez mais mal.

A ambição nunca fez bem a ninguém.

T/c. 14/11/14.

Ramiro Martel.

## Gazetilha

Justino vereador,  
Da camara municipal,  
Regeitou a taboleta,  
Ao Gonçalves do Toural.

Do cinema cá do burgo,  
A taboleta em questão,  
Não pôde ser afixada,  
Por falta de redacção!!!...

Eu creio e é verdade,  
O Justino *teso* home;  
Não a deixou afixar  
Porque não gostou do nome.

.....  
Agora qualquer mulher,  
Que um filho vá registar,  
Vae ao registo civil:  
p'ra saber  
O nome que lh'hade dar!...

Lulu.

Meu amigo:—são passados oito dias após a recepção da tua carta e vejo que tens acompanhado a leitora das minhas sensaboricas phrases.

Agradeço a offerta do epitheto, mas deixa dizer-te que não és tu o primeiro a lançar-mo em rosto.

A apologia de que fui alvo, de veria ter sido escripto no dia em que, como tu, occupei na escola o mesmo banco. Ahí admitti-la-hia. Estudei e tu estudás-te mas um de nós tornou acephalo.

Não me julgues um antipodo: isto sem adolação; mas cre que tenho acompanhado sempre de perto os transes porque tem passado a politica portugueza; coibindo-me no entanto de me aproximar d'ella.

Já o grande liberal **Antonio Alves Martins**, bispo de Vizeu, a abandonou só porque os «paes da patria» não realizam inteiramente o seu programma economico e politico: isto em 1862.

Não julgues pois, que, pelo facto de apenas escrever duas linhas, fóra da politica, atiro com a tua *Liberdade* para o alcouce.

Escrevo sim, mas somente para desalojar de mim o mau humor, assim como, a mór parte das vezes saio da minha humilde choupana e vou para longe, onde não sinto o bulicio da cidade, que me perturba o espirito e onde a cabula e a ignorancia correm parhelas.

A politica para mim é fastidiosa e cre que digo isto não com fatuosidade, digo somente o que penso e sinto.

Por conseguinte vae-me aturando e lendo a mesquinhez da minha litteratura, e tu, que lês e acompanhas a acção politica d'este pamphleto:—«não te acuso» mas creio que não és o que julgas ser. Não sabes que á consciencia lhe repugnam muitas vezes actos indignos e impraticaveis? A' minha assim lhe aconteceu. O teu libello não me cansou sensação alguma; aceitei-o com munificencia, e por elle julgo que chegaste ao apogeu da defesa nacional; eu meu amigo é que cheguei ao primeiro degrau e tropecei.

.....  
Os litteratos nesta epocha são como pastins e ás vezes de fauces escancaradas vomitam artigos que a posteridade ha-de ler em *normando*.

Folga que a juventude é curta.

Luíz Teixeira Jacintho.

## Echos da sociedade

Esteve na quinta-feira passada em Penafiel o nosso venerando amigo e antigo chefe do partido progressista d'este concelho sr. Visconde do Paço de Nespereira (Gaspar).

De Braga regressou ao Porto o antigo e illustre deputado progressista e nosso distinctissimo amigo sr. Conde de Azevedo.

Continua melhorando da sua saúde, entrando já em franca convalescença a ex.<sup>ma</sup> senhora D. Ludovina Eugenia de Freitas, gentil e pendada filha da ex.<sup>ma</sup> senhora D. Ritta de Cacia de Araujo Freitas.

Embora melhor, continua doente, o nosso querido amigo e illustre advogado sr. dr. Vieira Ramos.

De Cabeceiras de Basto, regressou a Villa Nova de Sande, o nosso querido amigo sr. Abbade João Candido da Silva.

Esteve ultimamente no Porto, o distinctissimo clinico sr. dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães Junior.

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> mãe e gentilissima irmã, retirou hontem para aquella cidade, o nosso amigo e distincto académico sr. João Paulo de Mello Sampaio Mexia (Pombeiro).

Na mesma cidade esteve, acompanhada de suas gentis filhas a ex.<sup>ma</sup> senhora D. Carlota Salazer.

Esteve na cidade de Braga o nosso presado amigo e intelligente professor da Escola Academicas sr. Padre José Carlos Simões.

Esteve um dia d'estes na mesma cidade o nosso querido amigo sr. Antonio de Freitas Ribeiro.

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa esteve igualmente no Porto, o nosso muito presado amigo e distincto clinico e professor sr. dr. Fernando Gilberto Pereira.

Tem estado doente a ex.<sup>ma</sup> esposa do nosso presado amigo sr. Manuel Brandão.

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> mãe regressou a Guimarães o nosso querido amigo sr. dr. Joaquim Augusto Machado.

De visita a seu irmão o sr. Conde de Agrolongo, parte amanhã para Lisboa o nosso amigo sr. Manuel Antonio Corrêa.

## NOTICIARIO

### «O Concelho»

Este nosso illustre collega, orgão do partido monarchico da linda villa dos Arcos de Valdevez, foi intimado pelas auctoridades da republica a suspender a sua publicação.

E' mais um gesto homerico, d'esta gente, que não tendo a menor noção da liberdade, cometem á sua sombra arbitrariedades como esta, que não encontram justificação nas proprias leis que promulgaram.

Aquelle nosso illustre collega, protestamos a nossa mais firme solidariedade.

## Casamento

Realizou-se na quinta-feira passada na parochial de Cedofeita, da cidade do Porto, o enlace matrimonial do sr. Gualter de Souza Lobo, intelligente escrivão de fazenda, com a ex.<sup>ma</sup> senhora D. Adelaide Sophia dos Santos Vasco Leão, prendada e insinuante filha da ex.<sup>ma</sup> senhora D. Adelaide Vasco Leão e do nosso querido amigo sr. Annibal Vasco Leão.

Paronympharam por parte da noiva seus estimados paes e do noivo seu pae o nosso presado amigo sr. Domingos de Souza Lobo e seu irmão o sr. Martinho de Souza Lobo.

Em seguida ao casamento foi servido, em casa dos paes da noiva um fino copo d'agua, após o qual os sympathicos nubentes partiram para a capital onde vão passar a lua de mel.

Cumprimentamo-los affectuosamente, desejando-lhes inumeras felicidades e venturas.

Na *corbeille* da noiva viam-se prendas de fino gosto e valor.

## Pio X

Tem-se celebrado em diversos templos d'esta cidade suffragios por alma do Santo Pontifice da Eucharistia, Sua Santidade Pio X, com enorme concorrencia de fieis.

## Conde de Agrolongo

Não é felizmente grave o estado de saúde d'este nosso illustre conterraneo que adoeceu repentinamente na sua casa de Lisboa. Ao illustre titular desejamos promptas melhoras.

## Espectaculos

Principiaram os ensaios para a recita de gala do 1.º de dezembro, em homenagem aos heroes de 1640.

Os academicos não se poupam a sacrificios, para que aquella costumada homenagem seja o mais esplendorosa possivel, o que nos leva a cre que a recita d'este anno não desmereça das dos annos transactos.

Em dezembro proximo tambem se effectua no Theatro D. Affonso Henriques, uma outra recita promovida pelo grupo Araujo Dantas, que já por diversas vezes tem subido á scena, grangeando justas palmas pela correcção com que se apresenta.

## CINEMATOGRAFOS

Hoje, em duas brilhantes sessões animatographicas, correm no *ecrain* do *High-Life-Cinema*, entre outros *films* de grande reputação, a fita de enorme successo — *Intriga Amorosa* — em 2000 metros e 4 partes.

Igualmente no Theatro Gil Vicente, haverá duas attrahentes sessões, subrahahndo entre os *films* — *O Fidalgo da Casa Vermelha* da Serie d'Ouro, de 3000 metros em 6 partes, extrahida do celebre e reputado romance de Alexandre Dumas.

## Magusto Escolar

Promovido pelo intelligente professor da Escola Central masculina e nosso amigo sr. Joaquim da Silva Godinho, e com a assistencia de todos os professores, realisa-se na proxima 5.ª feira, no logar da Costa, um importante magusto dedicado aos alumnos da Escola Central, o qual constará de castanhas assadas, fruta, pão e vinho.

Os alumnos reunir-se-hão no atrio da Escola pela uma hora da tarde, de onde seguirão para o local acompanhados pelos respectivos professores, devendo o magusto ter logar pelas duas horas da tarde.

E' grande o entusiasmo e alegria que reina entre todos os alumnos, os quaes estão anciosos porque chegue breve o dia do seu pic-nic; tanto mais que é esta a primeira vez que vão saborear em commum um magusto escolar.

Oxalá o tempo esteja bom, pois que se chover não se poderá fazer nesse dia, ficando nesse caso adiado para a quinta-feira seguinte.

## Fallecimentos

Na sua casa ao largo do Trovador, falleceu ultimamente a ex.<sup>ma</sup> snra. D. Maria Mendes de Carvalho Abreu, senhora, que n'esta cidade gosava de grande estima, pelas suas virtudes e pelas suas crêncas.

Os seus funeraes realisados na Egreja da V. O. T. de S. Francisco foram uma sentida homenagem prestada á finada senhora, tendo recebido a chave do feretro seu sobrinho o nosso presado amigo sr. João Abreu.

Igualmente falleceu o sr. Francisco Caetano Pereira, pae do nosso estimado amigo e digno presidente da direcção do Club dos Caçadores e Atiradores Civis, d'esta cidade, sr. José Caetano Pereira.

Os seus funeraes que foram muito concorridos realisaram-se na Egreja da V. O. T. de S. Francisco, tendo-se organizado diversos turnos por cavalheiros das relações do estimado extinto e de sua familia.

Falleceu nos Arcos de Valdevez, no dia 9 do corrente, o nosso conterraneo, sr. José Gonçalves d'Oliveira, digno e estimado escrivão-notario naquella comarca.

Era irmão do sur. Manuel Gonçalves d'Oliveira, procurador naquella villa, cunhado do sr. Abilio Leonardo de Gouveia, escrivão notario em Fafe, e primo do sr. Francisco Alves da Silva, empregado na Tipographia Minerva Vimaranesense.

A's familias em lucto, enviamos os nossos sentidos cumprimentos.

O nosso distinctissimo collaborador sr. P. Gaspar Roriz, amigo intimo do finado, celebra amanhã, pelas 10 horas, uma missa por sua alma na capella da V. O. T. de S. Francisco.

## SOLICITADOR

J. Pimenta

Largo de S. Tiago n.º 31, 32 e 33.

## AGUAS DE MELGAÇO

### VIDAGO

Manoel José de Carvalho, antigo depositario d'estas afamadas aguas, previne o publico de que continua a receber directamente estas aguas sempre frescas.

Grandes descontos aos snrs. revendedores e particulares.

Especial chouriço e azeitonas d'Elvas.

Paio Galvão — Guimarães.



LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa á  
Papellaria e Typographia Minerva Vimaranesse  
68, Rua de Payo Galvão, 72  
GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura . . . . . 50 réis  
Cartonado . . . . . 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura . . . . . 50 réis  
Cartonado . . . . . 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura . . . . . 100 réis  
Cartonado . . . . . 100 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.<sup>o</sup>-2.<sup>a</sup> edição:  
Avulso, franco de porte . . . . . 30 réis  
Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:  
Preço . . . . . 20 réis  
Pelo correio, por cada 5 exemplares . . . . . 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes  
Refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.

A' venda na Papellaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.  
PREÇO 800 RS.

"Portugal Filatelico"

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informação e muito divulgada em todos os paizes.

Assignatura por anno 400 réis.

Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «especimen» que se remette gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administracção: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)



Benjamim de Mattos

Toural, 105—Guimarães

Estabelecimento de Modas, Confecções, Malhas, Fazendas brancas, Perfumarias, Pa-peis pintados para forrar casas, Serpentinhas, Confetti, Machinas de costura, Bycicletas, Motos e seus accessorios.

Especialidade em pannos brancos, bordados, guarnições, echarpes de seda, jerseys, chales, guarda-soes de seda, setim, etc.

Sempre grande sortido em tecidos de lã para luto e guarnições proprias.

E' a casa que mais sortido tem e que mais barato vende.

Vende tudo mais moderno, melhor e mais barato

Vendas só a dinheiro. Não se vende a credito

EM DEPOSITO: bycicletas das marcas Derby, Spring, Tagus, E. G. A., Dixi, Meteor, Royal, Radna, etc., e motos Indian, modelos 1914.

Tambem vende bycicletas das marcas Si-rius, Premier e Rudge, e motos de diversas marcas.

Sempre bycicletas e motos com pouco uso, que vende por preços baratissimos.

ALUGAM-SE BYCICLETAS, TRENS E AUTOMOVEIS

Pede-se aos Ex.<sup>mos</sup> freguezes para verificarem sempre o peso do carvão em suas casas.

CARVÃO COKE

Grande reduccção de preços

Por cada 900 kilos (um carro) entregue no domicilio 13\$200 réis.

Por cada 15 kilos (uma arroba) 220 réis

PESO GARANTIDO

VENDE-SE NESTA CIDADE

Rua do Dr. Bento Cardoso (em frente á igreja das Dominicás)

EM CASA DE

Fernando d'Almeida

Manual Annotado

DAS

JUNTAS DE PAROCHIA CIVIL

ELABORADO EM HARMONIA COM A LEI N.º 88, REGULANDO A ORGANISAÇÃO, FUNCIONAMENTO, ATTRIBUIÇÕES E COMPETENCIA DOS CORPOS ADMINISTRATIVOS

CONTÉM:

A referida lei com annotações na parte respeitante ás juntas de parochia, as tabellas dos emolumentos, e sello, indicações sobre a contribuição industrial e o novo systema monetario organisação de orçamentos e contas, e todos os modelos indispensaveis para o funcionamento dos mesmos corpos administrativos, etc.

POR

DIONISIO DUARTE

Secretario da Administração do Concelho de Castro Daire

1.<sup>a</sup> EDIÇÃO

E' um guia pratico para todos os que se acham em contacto com os corpos administrativos.

PREÇO 300 RÉIS.

A' venda nas livrarias.

NOVA OFFICINA DE LATOARIA E FUNDIÇÃO DE METAES

— DE —

GUIMARÃES & LOBO

122, Rua D. João I, 124  
GUIMARÃES

Encarregam-se de canalisações para agua e gaz, interiores e exteriores, tanto em chumbo como em ferro, e todos os trabalhos da sua arte, tanto nesta cidade como fóra.

Executam trabalhos em metal, taes como: Lanternas e gazometros para automoveis, em cobre; alambiques para destilações, tanto antigos como modernos; e em chapa de ferro estanhada e por estanhar e fundição de metaes. Garante-se a solidez e perfeição.

Fabricação de alambiques e apparatus em todos os systemas Compram e vendem metaes velhos de todas as qualidades

Liquidadora Vimaranesse

ESCRITORIO

89, Passeio da Independencia, 91

Esta empreza vae iniciar no proximo mez de Abril, por meio de leilões semanaes, a venda de todos os objectos que lhe sejam enviados, taes como mobiliarios, roupas, fazendas de estabelecimentos ou fabricas, mediante uma pequena commissão. Na casa GERVASIO, com estabelecimento de ferragens e outros artigos, effectuam-se seguros de vida, accidentes de trabalho, marítimos-postaes e contra fogo. (14)

Echos de Guimarães

SEMANARIO MONARCHICO

PREÇO DA ASSIGNATURA  
(Pagamento adeantado)

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES  
(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha  
Anno . . . . . 1\$300 rs.  
Semestre . . . . . 650 "  
Trimestre . . . . . 350 "  
Estados U. do Brazil (anno) . . . 2\$000 "  
Paizes da União Postal . . . . . 2\$500 "  
Numero avulso . . . . . 30 "

Annuncios e communicados, linha 40 rs.  
Repetições, por linha . . . . . 20 "  
Permanentes, contracto convencional.  
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um . . . . . 100 "  
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.  
Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opusculo, precedido da narração do

interessante episodio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.  
Pelo correio 65 rs.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesse R. Payo Galvão—Guimarães.

Echos de Guimarães

I Anno

SEMANARIO MONARCHICO

Num. 36

Ex.<sup>mo</sup> Snr.